

## A SINGULARIDADE

### Reciprocidade do processo perceptivo na fenomenologia merleau-pontyana

Valeria Maria Neto Crespo de Oliveira Lima

*O presente trabalho apóia-se nos fundamentos filosóficos da fenomenologia da percepção, no pensamento de Maurice Merleau-ponty que, partindo da hipótese de radicalização do cartesianismo, preocupado com a gênese do sentido, busca a essência do comportamento e da percepção no mundo interior do fato ocorrido (vivido) ou da própria existência, trazendo conseqüências para a tradição filosófica: não há mais uma essência ou “uma maneira de ser” acima do homem, nem objetos positivos; há sim uma essência operante, em funcionamento, o ponto comum do significante e do significado, que vai desvendando o ser no conjunto de suas experiências “juntas”, onde a vida corporal enseja o aparecimento do sujeito como corpo cognoscente, numa perspectiva ontológica de harmonia na diferenciação, enfocando simultaneamente a intersubjetividade, a comunicação, processos e vivências .*

*Corpo cognoscente, fenomenologia, reciprocidade*

## INTRODUÇÃO

Através de Merleau-Ponty nasce um outro tipo de filosofia, onde o “crivo” da corporeidade será imprescindível para revelar uma percepção “enraizada num solo histórico, numa cultura, numa palavra, uma fenomenologia liberada de todo dogmatismo, se ocupará com a gênese do sentido” (Chauí, p.231).

Os estudos da fenomenologia, principalmente com a retomada da tradição filosófica nos apresenta uma atualidade fundamental para a organização de parâmetros que nos auxiliem na leitura da realidade contemporânea, nos apresentando um corposujeito cujo pensamento é pensar, não se detém num sujeito universal (que não é ninguém, nem todos, e assim não é um ser), mas descobre um sujeito motriz com todo seu “engajamento corporal” que pressupõe o cogito como coesão de vida: PERCEPÇÃO – CORPOREIDADE – LINGUAGEM – INTERSUBJETIVIDADE.

Descrever aspectos relevantes da fenomenologia de Merleau-ponty é um grande desafio. Pensar na coerência de suas preposições fenomenológicas e concomitantemente “ver” importantes e tradicionais pilares acerca da origem e natureza do homem, se desestabilizando, torna-se uma tarefa mais complexa. O momento exige postura objetiva e afastamento de paradigmas pessoais. Investir nas capacidades de investigações, questionamento e coerência dos componentes consistentes e ambíguos dessa primorosa “filosofia da percepção”.

Ao encontrar a concepção de “corpo cognoscente” (Chauí, 1999, p. 223-227), um corpo que também se abre ao mundo e situa-se nele (Merleau-ponty, 1971, p. 176), depara-se com um sustentáculo básico e determinante para este trabalho, que versa sob o sujeito cognoscente, sujeito conhecedor, que logicamente é um sujeito perceptivo singular.

Algumas pontuações fenomenológicas acerca, da intercorporeidade ampliaram análises e reflexões sobre o sujeito cognoscente e sua organização e “engajamento” corporal nos processos de conhecimento, também processo de aprendizagem (na concepção educacional).

O interesse de Merleau – Ponty pela pintura, pela política e pelas ciências humanas, o direciona a uma perspectiva de aprendente, ou seja, aquele que não se aquieta com as possibilidades perspectivas e de representações, percorrendo a experiência e o processo que a antecede.

Neste percurso é que o corpo emerge, através de uma “Intencionalidade Operante” que o caracteriza como cognoscente, com uma consciência perceptiva atuante, uma fenomenologia da percepção voltada para “o campo pré-reflexivo”, objetivando a fundação perceptiva do mundo através da corporeidade que remete a noção de princípio estruturante. É neste campo pré-reflexivo que se efetua a gênese do sentido.

A partir destas considerações, o presente trabalho será desenvolvido em duas abordagens do fenômeno perceptivo que muito se aproximam dos processos que envolvem e integram ao sujeito do conhecimento: a singularidade – reciprocidade do processo perceptivo e a concepção do corpo cognoscente.

## **A SINGULARIDADE: RECIPROCIDADE DO PROCESSO PERCEPTIVO NA FENOMENOLOGIA DE MERLEAU-PONTY**

“É pelo meu corpo que compreendo o outro, como é pelo meu corpo que percebo as coisas.”

“O fenômeno existe enquanto alguém pode percebê-lo” (Merleau-Ponty)

Se tomarmos a percepção numa análise clássica enveredamos pelo nivelamento de todas as experiências individuais num único plano de julgamento e verdade, o que na ótica de Merleau-Ponty seria interpretado como um “compacto” do mundo percebido, a vivência num mundo pré-determinado de seres e coisas exatas e reais em sua externalidade.

É mister, para entender a filosofia Merleau-pontyana que a circunstância da percepção de um determinado indivíduo ou da percepção de outro indivíduo, ou de outras modalidades e circunstâncias do próprio percebido, tragam significações que são de ordem conceituais. O que se percebe não é uma unidade ideal apresentada pela inteligência, mas uma totalidade aberta ao horizonte de um número indefinido de perspectivas que definem o estilo do objeto ou fenômeno percebido. A percepção existe quando o próprio sujeito está presente na experiência perceptível, porém estas experiências nunca lhe serão inteiramente dadas, mas o conduzirão sempre além daqueles aspectos apreensíveis, que são imediatamente dados: os princípios da imanência e da transcendência, aparentemente contraditórios, mas que são indivisíveis, posto que a evidência do que percebo “me conduzirá sempre a essa presença–ausência” (Merleau-ponty, 1971, p.48).

Se considerarmos estes enfoques buscando entender como a minha experiência se liga à experiência que os outros têm dos mesmos objetos, nos encontraremos ainda frente a um fenômeno paradoxal, esclarecendo que “a coisa” se impõe não como verdadeira para toda inteligência, mas

como real para todo sujeito que partilha minha cena ou situação.

Nunca se saberá como cada um vê o vermelho ou outro fenômeno qualquer, mas é imprescindível que se entenda que pela percepção do outro, estabelece-se uma relação com um outro eu que esteja, “antes de mais nada”, suscetível às mesmas verdades que eu, esteja em relação com o mesmo “mundo percebido” que eu. Podemos então ver aparecer em nosso campo perceptivo, o esboço do comportamento ou da conduta do outro, e poderemos então entender palavras, pensamentos e percepções do outro, que se fundem no meio de meus fenômenos.

O corpo constituído de abordagens e internalizações sobre o mundo, propõe uma verdadeira comunicação ao corpo do outro, conferindo a unidade dos meus objetos que constituem este corpo, uma nova dimensão do ser intersubjetivo e da objetividade.

O “objeto” percebido está presente e vivo e deverá ser utilizado nas relações homem-homem, seja na linguagem, no conhecimento, na sociedade, na religião, nas relações com o homem do nível sensível.

A história, são os outros e as relações de “troca” que temos com eles. como diria Merleu-Ponty: “O outro só existe em relação a nós e nas suas relações conosco.” Ou ainda:

*O “eu” se conquista pela reciprocidade, é preciso que eu me eduque para pensar o outro como recíproco a mim (Brunschvicg – M. Ponty, 1971 p. 73).*

Enfim, a percepção é uma experiência “grávida” de significações que incluem nossa historicidade, nossos valores, personalidade, afetividade, vida social e prática, onde o outro se faz realidade para nós, dentro das mesmas perspectivas.

Assim, nas necessárias e inevitáveis relações que estabelecemos com o outro, acontecerá a comunicação de variadas idéias, apreensões, axiomas e esquemas vivenciados e portanto esquemas percebidos.

Nas reflexões sobre a reciprocidade do processo perceptivo vale citar uma expressão em linguagem Heideggeriana: “Ser no mundo com outros, para ser si mesmo.” Nas vias dialógicas e infinitas de aprendizagem, esta afirmação nos indica um sujeito cognoscente desenvolvendo ao mesmo tempo, sua singularidade, reciprocidade e consciência social.

## A concepção de corpo cognoscente

*“O mundo e o corpo ontológicos que reencontramos no coração do sujeito, não são o mundo em idéia ou o corpo em idéia, é o próprio mundo contraído numa tomada global, é o próprio corpo como corpo cognoscente.”*

Merleau-Ponty

Pode-se dizer que a experiência da percepção se põe “em presença do momento em que as “coisas”, “fenômenos” e verdades, se constituem para nós: A percepção nos dá um “logos” em estado nascente”. Ao pensar na análise do ato de perceber, encontramos o lugar intransferível e insubstituível de um corpo perceptivo cuja singularidade de “redes perceptivas” só poderá ser comunicada através da intercorporeidade.

Ainda assim, com toda a intersubjetividade, o fenômeno individual será sempre uma noção da percepção do outro, sem jamais penetra-la em sua totalidade. Merleau-Ponty descreve o ato perceptivo com uma interpretação clarividente:

*Perceber é tomar algo presente a si, com a ajuda do corpo, tendo a coisa sempre em um lugar num horizonte de mundo e constituindo a decifração em colocar cada detalhe nos horizontes perceptivos que lhe convenha (Merleau-Ponty, 1971, p. 93).*

Em seu livro “Fenomenologia da Percepção”, Merleau-Ponty descreve com intensa complexidade a importância do corpo, em todas as suas dimensões: como corpo próprio, corpo fisiológico, corpo e espacialidade, corpo sexuado, corpo como expressão e linguagem, etc. Fica explícita a ênfase que o autor dá ao papel protagonista no corpo nos processos perceptivos, considerando-o como “nosso ponto de vista sobre o mundo e um dos objetos deste mesmo mundo, um modo do espaço objetivo” (Merleau-Ponty, 1971, p. 84). Este corpo, encontrará fios de intencionalidade que o vincula ao seu espaço de vivências e finalmente será capaz de revelar tanto o sujeito que percebe, como o mundo percebido: “A experiência do corpo nos ensina que ser corpo é estar unido a um certo mundo.” (Merleau-Ponty, 1971, p. 159), ou ainda: “Somos nosso próprio corpo, nos interpretando a nós mesmos, visto que somos um nó de significações vivas.” (Merleau - Ponty, 1971, p. 162).

Na verdade, o privilégio do corpo como assinala Lefort, é uma ruptura com a tradição metafísica que lhe dava o papel de sustentação da consciência, o que lhe permitia ser objeto da ciência. Também Merleau-Ponty investiga e constata na filosofia passada enfoques sobre o corpo que não tinham sentido na metafísica.

O corpo, entre outros motivos destituirá a consciência do privilégio da reflexão e ensinará que no mundo vertical não há reflexão acabada, concluída e isto modificará a própria idéia de reflexão.

Na dimensão perceptiva tudo parece conectar conjuntamente o percebido e o corpo percipiente, “o mistério se ampliando com o advento de um sensível exemplar: nosso corpo, que apalpa as coisas pelo olhar, vê-las com as mãos, se vê vendo e se toca tocando, sendo sensível para si numa reflexão que duplica, separa, divide, possui, perde, concorda sem confundir...” (Chauí, 1999, p. 163). Se mostra cognoscente, há a expansão do corpo e expansão do mundo, interligação entre seu dentro e nosso fora, nosso interior e seu exterior, a experiência como um estar dentro de si, sem sair de si, pois realizando-a, nosso corpo será uma coisa entre as coisas.

A percepção não é causada pelo objeto sobre nós, nem pelo nosso corpo sobre as coisas, mas na relação das coisas conosco, nossas com as coisas; uma convergência possível porque coisas são corpos, e nós também somos corporais, como corpos que interagem.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De Bretano à Husserl, Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty, e outros, a fenomenologia da percepção nos traz como postulado maior a noção de intencionalidade, afirmando que toda consciência é intencional, ou seja: não há pura consciência, separada do mundo, mas que toda consciência é consciência de algo, de alguma coisa. A consciência concede sentidos ao mundo como uma fonte de significados.

Subseqüentemente os fenomenólogos ao tratar do objeto confirmam que não há objeto ou fenômeno “em si”, pois o objeto ou fenômeno existe para um sujeito que lhe dá significado.

Neste percurso, toda indagação ou experiência a respeito da “realidade em si” se torna irrelevante, porque desvinculada do sujeito que a

conhece, o que ensinará perspectivas variadas e múltiplos perfis resultantes nos sujeitos (esquemas individuais).

Conhecer será sempre um processo inacabado e comportará uma investigação exploratória e incessante do mundo. É justamente nesta dupla existencialidade homem-mundo, sujeito-objeto, considerados pólos em eterna interligação, que encontramos o corpo cognoscente, o corpo-sujeito-perceptivo que faz do conhecimento um amplificador de conceitualizações e da consciência uma fonte de intencionalidade não muito além do possível conhecimento intelectual, sendo intencionalidades resultantes de um corpo integrado, portanto também afetivos e praticas.

O olhar do homem sobre o mundo, estará sempre em construção. Neste olhar encontraremos suas ações experiências deste mundo pelas quais vai percebendo, imaginando, julgando, amando, etc...

A fenomenologia é uma filosofia engrandecida pela vivência e apresenta pontos bastante atuais para uma melhor compreensão e criticidade na leitura do ser no mundo, do sujeito cognoscente, bem como para a retomada reflexiva de conceitos clássicos e dicotômicos acerca da razão – experiência.

Ambos, hábito perceptivo e hábito motor, funcionam como aquisição de um mundo onde toda a significação se faz pelo corpo.

Nosso corpo não é objeto para um pensar individual, mas um conjunto de significações “vivas” buscando seu próprio equilíbrio.

Nesta oportunidade estaremos ultrapassando definitivamente a dicotomia clássica entre sujeito e objeto. O corpo vai sendo concebido como um meio permanente de “tomadas de atitudes” pelo ser pensante.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHAUÍ, Marilena. Da realidade sem mistérios ao mistério do mundo. (Espinosa, Voltaire, Merleau-Ponty). In: **Experiência do Pensamento**. Homenagem a Maurice Merleau-Ponty no 20º ano de sua morte. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Trad. Reginaldo di Piero – Rio de Janeiro e São Paulo. Livraria Freitas Bastos S.A., 1971.

\_\_\_\_\_. **O Primado da percepção e suas conseqüências filosóficas**, Campinas. Papyrus, 1989.

\_\_\_\_\_. **O visível e o invisível**. Trad. José Arthur Gianott e Armando Mora D' Oliveira. (original do ano de 1964). São Paulo. Ed. Perspectiva, 2000.

\_\_\_\_\_. **Sentido y sin sentido**. Trad. Narás Comadira. Ed. Original, 1948. Barcelona, 1977.